

The background of the cover features a construction site. On the left, a multi-story building is under construction, showing a complex network of steel beams and concrete structures. In the center and right, two construction workers are silhouetted against a bright, hazy sky. One worker is in the foreground, facing away from the camera, while the other is further back, gesturing towards the building. The overall color palette is dominated by dark blues, greys, and a warm orange glow from the sun on the right.

INDICADORES DA CONSTRUÇÃO

Edição 06
31 de janeiro de 2022

INDICADORES DA CADEIA PRODUTIVA DA CONSTRUÇÃO

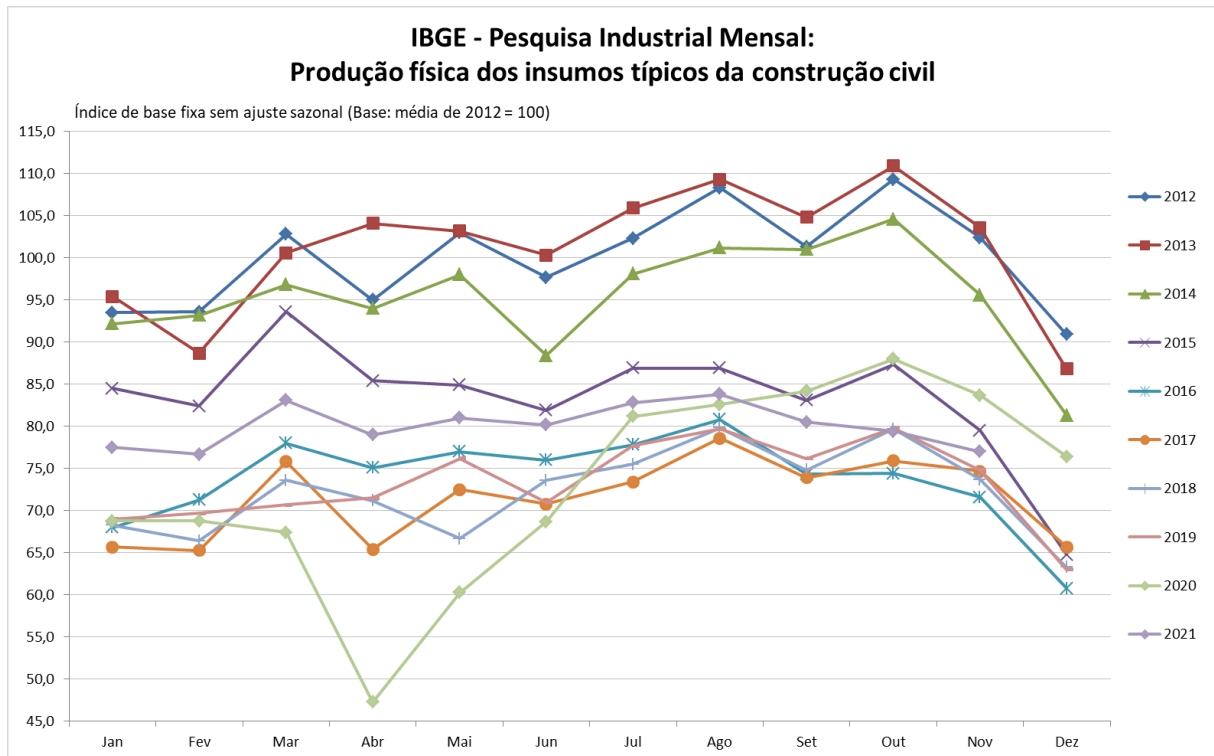
NOVEMBRO/DEZEMBRO 2021

Indicadores da Construção	Período	Unidade	Valor	Variação acumulada no ano (%)	Variação em relação a igual período do ano anterior (%)	Fonte
Nível de atividade						
Produção de materiais	nov/21	Índice (média 2012 = 100)	77,00	10,0	-7,9	IBGE
Vendas de materiais de construção	nov/21	Índice (média 2014 = 100)	116,50	5,6	-4,1	IBGE
Preços						
Índice Nacional de Custos da Construção						
Total	dez/21	R\$ / m ²	1.514,52	18,65		IBGE
Materiais	dez/21	R\$ / m ²	910,06	28,12		IBGE
Mão de obra	dez/21	R\$ / m ²	604,46	6,78		IBGE
Índice de Preços ao Consumidor Amplo						
Geral	dez/21	Índice (dez/2013 = 100)	160,40	10,06		IBGE
Habituação	dez/21	Índice (dez/2013 = 100)	182,22	13,05		IBGE
Financiamentos						
Caderneta de poupança (SBPE) - Saldo	dez/21	R\$ milhões	790.109		-10,4	BACEN

PRODUÇÃO DE MATERIAIS

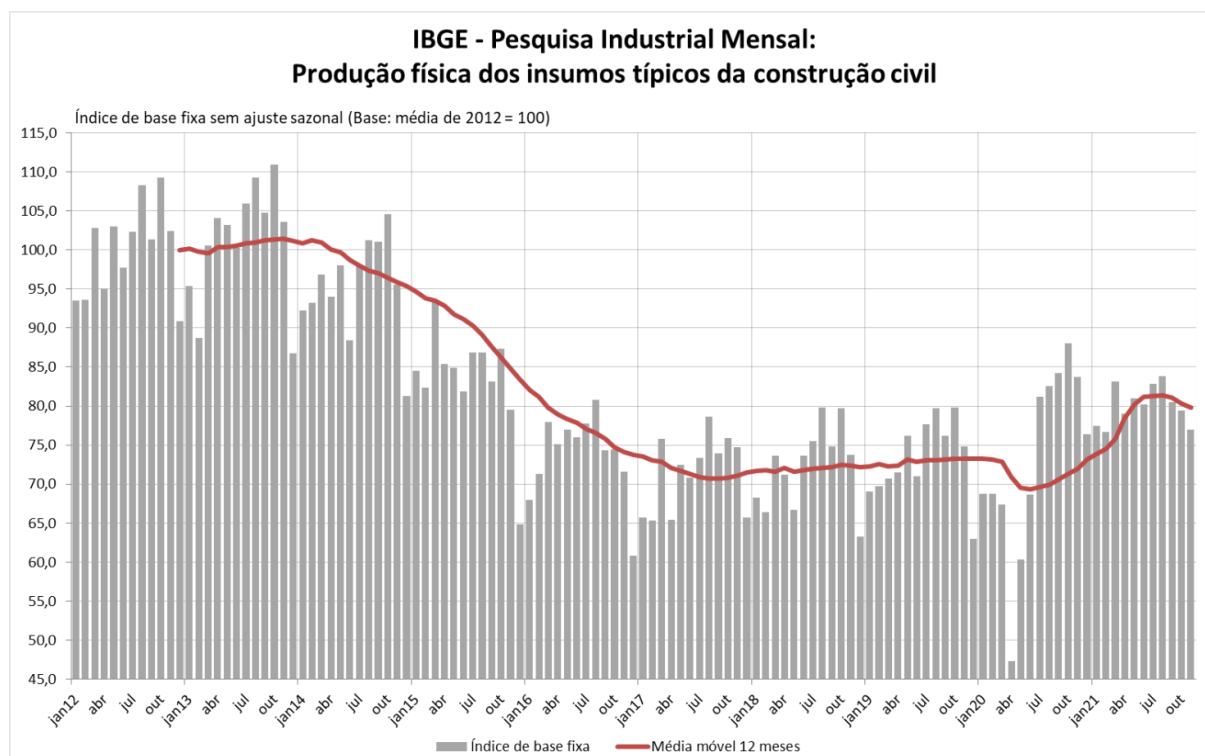
A produção industrial dos insumos típicos da construção civil registrou retração de 7,9% em novembro de 2021 em relação ao mesmo mês do ano anterior, a terceira queda consecutiva nessa base de comparação, de acordo com a Pesquisa Industrial Mensal do IBGE. Vale registrar que tal variação foi menos expressiva do que aquela apurada em outubro, quando o nível de produção desses bens foi 9,7% inferior ao apurado no mesmo mês de 2020. Ainda que o efeito base associado ao patamar mais elevado de produção desses insumos a partir de julho de 2020, por conta da flexibilização das medidas restritivas de combate à pandemia da covid-19, tenha contribuído para a evolução relativa da produção nos últimos meses, é possível observar uma perda de dinamismo no curto prazo, como apontado em boletins anteriores.

O primeiro gráfico a seguir, que apresenta a série do índice de produção desses bens do IBGE desde 2012, sem ajuste sazonal, ilustra esse último ponto, particularmente quando se considera o padrão sazonal de crescimento da produção na passagem de setembro para outubro, o que não foi observado em 2021. Nesse contexto, a desaceleração da taxa de variação acumulada no ano teve continuidade pelo sexto mês consecutivo, passando de 12,1% até outubro para 10,0% até novembro. Evolução semelhante tem sido observada para o caso da taxa de variação acumulada nos últimos doze meses, a qual passou de 12,8% até outubro para 10,8% até novembro.



A produção da indústria geral voltou a declinar em novembro, tanto na comparação mensal como na interanual. Com retração de 0,2% frente a outubro, com base na série com ajuste sazonal, a produção industrial já acumula seis meses consecutivos de resultados mensais negativos, com redução acumulada de 4,0% nesse período. Na comparação com novembro de 2020, a queda foi de 4,4%, inferior à registrada em outubro (-7,8%), mas a quarta retração interanual consecutiva.

O enfraquecimento recente da produção da indústria nacional – a qual ainda “sofre os efeitos da pandemia mundial, que provocou o desabastecimento de alguns insumos e encareceu o custo da produção”, como destaca André Macedo, gerente da pesquisa do IBGE em nota do instituto – também se reflete na contínua desaceleração da taxa de variação acumulada no ano, a qual passou de 5,7% até outubro para 4,7% até novembro, o mesmo sendo observado quanto à variação acumulada nos últimos doze meses, que passou de 5,6% até outubro para 5,0% até novembro.



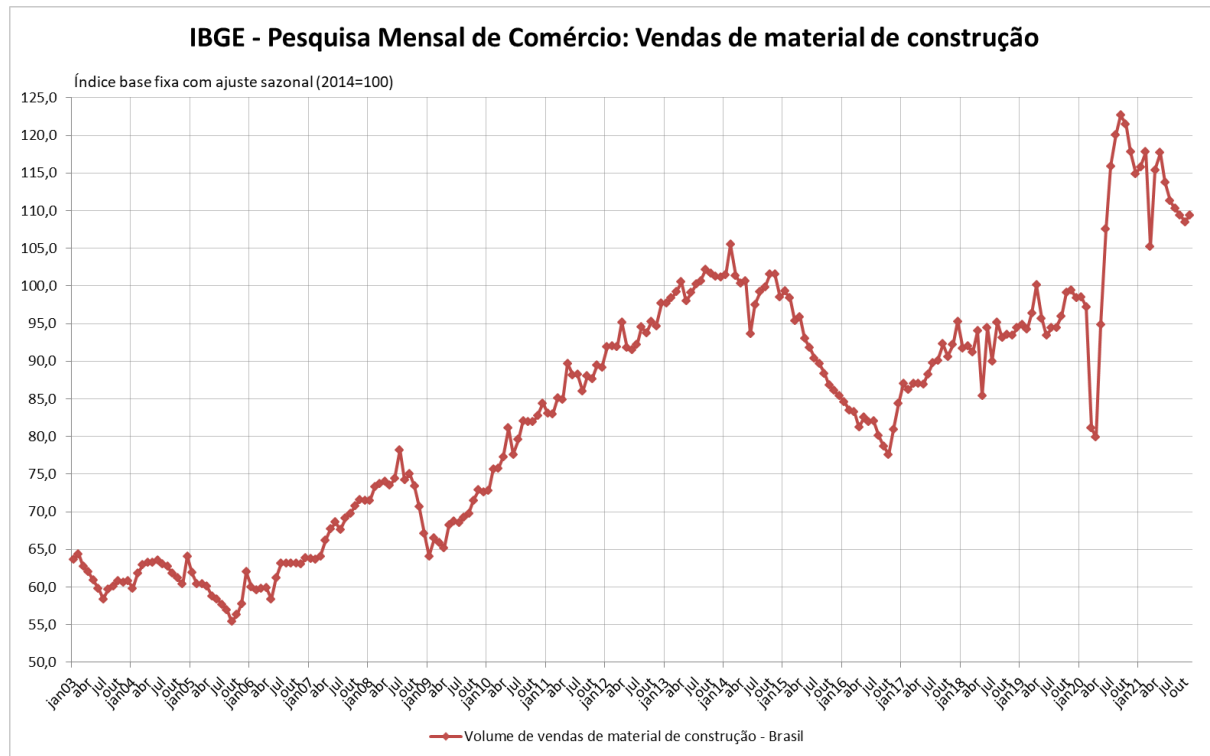
A produção das Indústrias Extrativas, por sua vez, registrou desempenho positivo em novembro, com expansão de 5,1% frente ao mês anterior, já considerada a sazonalidade, recuperando parte da queda registrada em outubro (-10,0%); e expansão de 5,0% na comparação com novembro de 2020, em contraste com a queda de 4,7% registrada em outubro na base de comparação interanual. Como resultado, a variação acumulada no ano da produção dessas indústrias mostrou discreta recuperação, passando de 0,6% até outubro para 1,0% até novembro. De forma complementar, a taxa de variação acumulada nos últimos doze meses deixou o campo negativo, saindo de -0,6% até outubro para 0,6% até novembro.

Por outro lado, em novembro, a produção das Indústrias de Transformação teve novamente evolução negativa, com queda de 0,4% na comparação com outubro (sexta retração mensal consecutiva), feitos os ajustes sazonais, e de 5,5% frente a novembro de 2020, ainda que esta última taxa tenha ficado abaixo daquela apurada em outubro (-8,2%) na mesma base de comparação. No acumulado no ano, a produção desse conjunto de indústrias registra crescimento de 5,2%, desacelerando em relação à taxa observada até outubro (6,4%), o mesmo sendo observado para o caso da variação acumulada nos últimos doze meses, a qual passou de 6,5% até outubro para 5,6% até novembro.

COMÉRCIO DE MATERIAIS

Após cinco meses consecutivos de queda na comparação com o mês anterior, o volume de vendas do comércio varejista de materiais de construção registrou crescimento de 0,8% em novembro de 2021, com base na série ajustada pela sazonalidade. As informações são da Pesquisa Mensal de

Comércio (PMC) do IBGE. Essa reversão pontual na margem é apresentada no gráfico a seguir, que traz a série histórica do IBGE para o índice de volume de vendas do comércio varejista desses bens com ajuste sazonal. O resultado de novembro, como se pode ver, interrompeu a trajetória declinante das vendas de materiais iniciada ainda em junho.



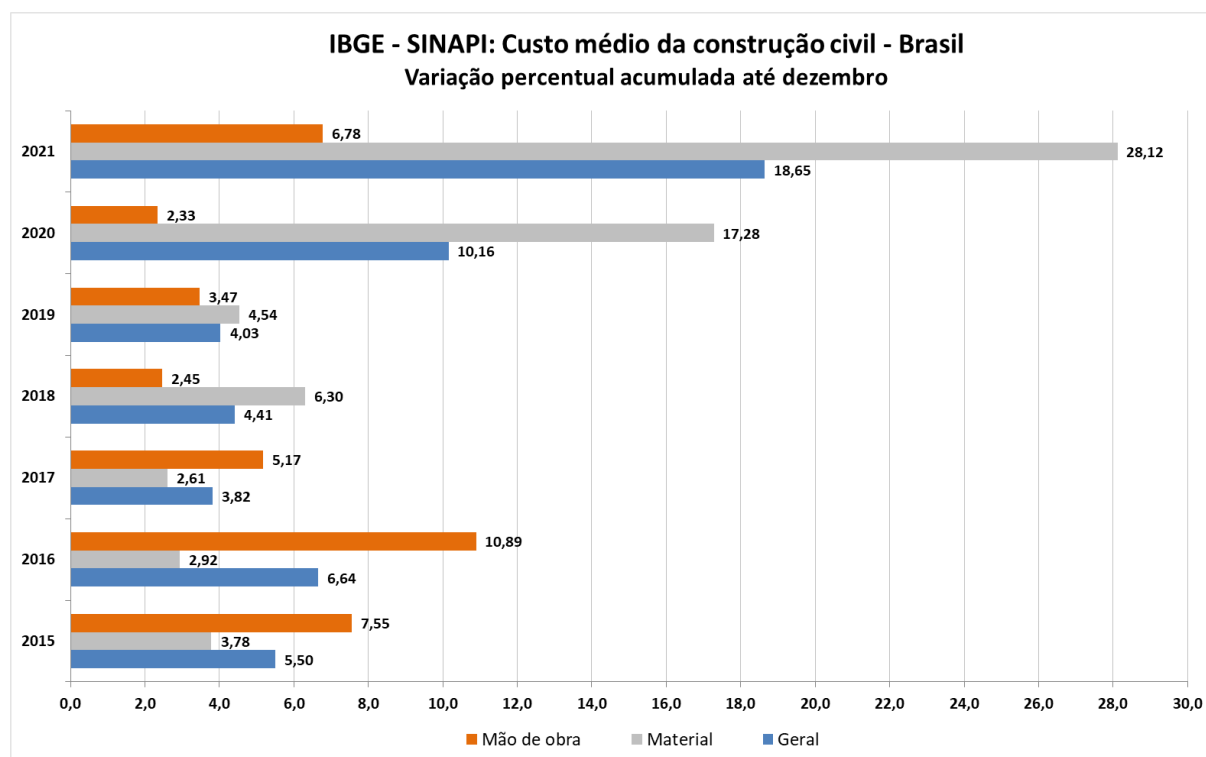
Na comparação interanual, porém, o volume de vendas de materiais seguiu em declínio, com retração de 4,1% frente a novembro de 2020. Cabe notar que a magnitude dessa queda foi bastante inferior àquelas registradas em setembro (-10,1%) e outubro (-14,1%), na comparação com os mesmos meses do ano anterior. Assim, como vem sendo observado desde junho, a taxa de variação acumulada no ano voltou a registrar desaceleração, passando de 6,7% até outubro para 5,6% até novembro, o mesmo sendo registrado para o caso da taxa de variação acumulada nos últimos doze meses, a qual passou de 8,5% até outubro para 6,6% até novembro, consolidando o cenário de um crescimento das vendas de materiais da ordem de 6,0% em 2021, inferior ao desempenho anual registrado em 2020 (10,8%), mas superior ao dos anos de 2018 (3,5%) e de 2019 (4,2%).

Com a incorporação do dado de novembro e do ajuste sazonal, a evolução do volume de vendas do comércio no conceito mais restrito da pesquisa do IBGE registrada em outubro (-0,1%) passou a ser positiva (0,2%), sendo seguida por nova alta em novembro (0,6%), também com base na série com ajuste sazonal. Na comparação com o mesmo mês de 2020, as vendas do comércio voltaram a recuar (-4,2%) em novembro, configurando a quarta queda consecutiva nessa base de comparação. No acumulado do ano, as vendas do comércio varejista seguiram em desaceleração, passando de 2,6% até outubro para 1,9% até novembro. Evolução idêntica teve a taxa de variação acumulada nos últimos doze meses, que passou também de 2,6% até outubro para 1,9% até novembro.

O volume de vendas do comércio varejista ampliado, que inclui, além dos segmentos do índice restrito, os segmentos de material de construção e de veículos, motos, partes e peças, teve modesto crescimento em novembro (0,5%) em relação ao mês de outubro, já incorporada a sazonalidade, interrompendo três meses consecutivos de resultados negativos. Frente a novembro de 2021, as vendas do comércio ampliado declinaram 2,9%, inferior à queda do mês anterior (-7,0%), constituindo-se na quarta retração consecutiva na base de comparação interanual. No acumulado até novembro, a queda nas vendas dessa agregação de segmentos foi de 5,3%, desacelerando em relação ao acumulado até outubro (6,3%). Finalmente, quanto à taxa de variação acumulada nos últimos doze meses, a desaceleração iniciada ainda em agosto teve continuidade, com a taxa passando de 5,7% até outubro para 5,1% até novembro.

CUSTOS DA CONSTRUÇÃO

Em dezembro, o custo médio nacional da construção variou 0,52% em relação ao mês anterior, o que representou a menor taxa de variação mensal de 2021, ficando, adicionalmente, abaixo da taxa apurada em dezembro de 2020, de 1,94%. Os dados se referem ao Índice Nacional da Construção Civil do Sistema Nacional de Pesquisa de Custos e Índices da Construção Civil (Sinapi) do IBGE. Como resultado, o custo médio acumulou uma alta de 18,65% em 2021 frente ao ano anterior, superando em 8,49 pontos percentuais do resultado de 2020 (10,16%), como ilustra o gráfico a seguir. Além disso, como apontou o IBGE em nota, essa variação foi a maior taxa anual da série com desoneração, iniciada em 2013.



Por meio do gráfico, é possível também notar a clara mudança de patamar observada nos anos de 2020 e 2021 em relação à variação anual do custo médio entre 2015 e 2019. Por outro lado, vale ressaltar que a taxa de variação acumulada nos últimos doze meses do custo médio vem desacelerando desde agosto de 2021, quando atingiu 22,74%. Tal evolução sugere uma trajetória de desaceleração ao longo de 2022, ainda que a referida taxa de variação acumulada possa permanecer em patamar historicamente elevado ao longo deste período.

A aceleração da variação anual do custo médio nos últimos dois anos esteve diretamente relacionada à trajetória de um de seus componentes, o índice relativo ao custo dos materiais. Assim como no caso do índice agregado do custo médio, o custo dos materiais registrou em dezembro a menor taxa de variação do ano (0,76%), inferior igualmente ao observado no mesmo mês de 2020 (3,39%). Em contrapartida, o custo médio dos materiais fechou 2021 com crescimento de 28,12%, superando largamente o resultado de 2020 (17,28%) e refletindo uma forte aceleração em relação aos anos anteriores, como mostra o gráfico. A mesma ressalva pode ser feita no caso do custo médio dos materiais: a taxa de variação acumulada nos últimos doze meses mostra desaceleração relevante desde agosto de 2021, quando a taxa chegou a 37,69%. Caso essa desaceleração continue, ela pode alimentar uma trajetória baixista do índice agregado em 2022.

A evolução do índice relativo ao custo médio da mão de obra na passagem de 2020 para 2021 também contribuiu para a aceleração do índice geral nesse período. Com variação de 0,15% em dezembro, a terceira menor do ano e pouco abaixo da taxa registrada em dezembro de 2020 (0,18%), o segundo componente do custo médio encerrou o ano passado com variação de 6,78%, superando em 4,44 pontos percentuais a variação apurada em 2020 (2,33%), conforme apresentado no gráfico a seguir. Diferentemente do caso do índice associado ao custo dos materiais, o índice relativo ao custo da mão de obra não mostrou desaceleração nos últimos meses quando se considera a taxa de variação acumulada em doze meses como referência. A taxa mais elevada registrada nessa base de comparação se deu em outubro (6,88%), pouco acima da taxa do fechamento do ano.

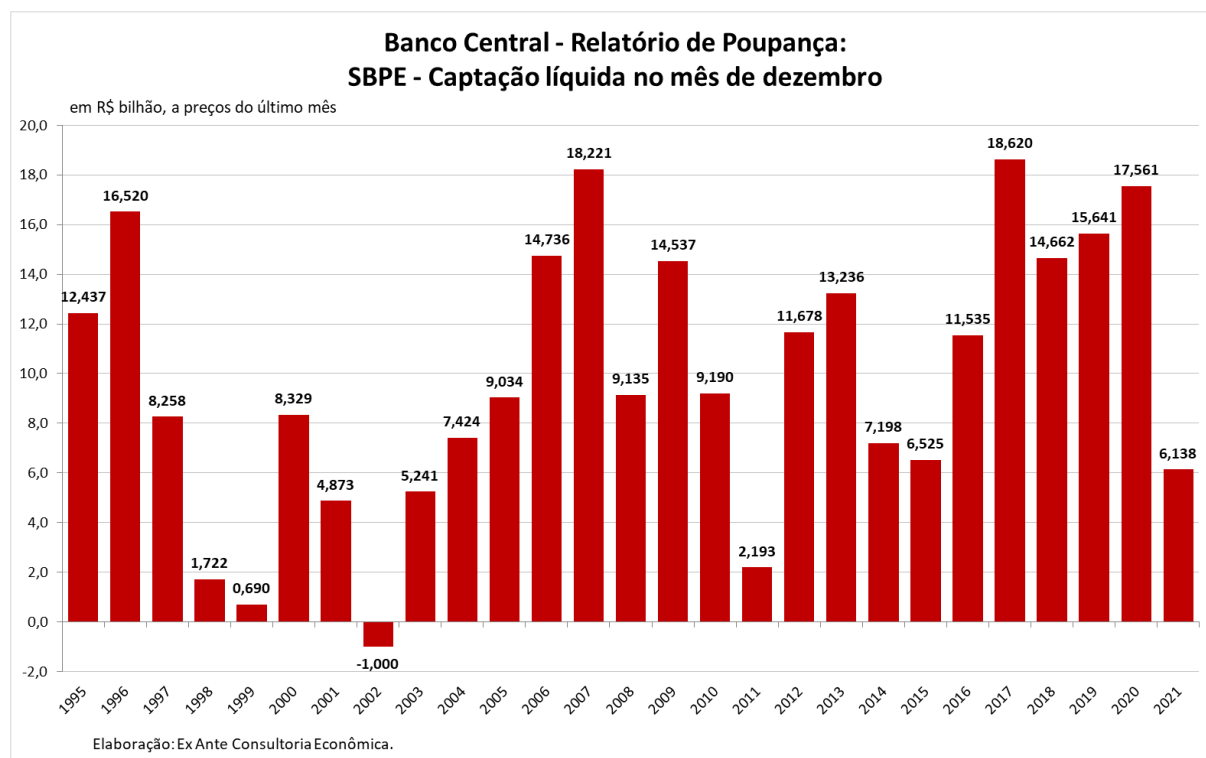
Em termos monetários, o custo nacional médio atingiu R\$ 1.514,52 por metro quadrado em dezembro, com R\$ 910,06 correspondendo ao componente material e R\$ 604,46 à mão de obra. Em termos regionais, os custos em dezembro, por metro quadrado, foram de R\$ 1.506,36 na região Norte, de R\$ 1.418,32 na região Nordeste, de R\$ 1.572,22 no Sudeste, de R\$ 1.594,85 no Sul e de R\$ 1.503,31 na região Centro-Oeste.

DEPÓSITOS DE POUPANÇA – SBPE

O saldo global de depósitos de poupança do Sistema Brasileiro de Poupança e Empréstimo (SBPE) encerrou 2021 em R\$ 790,109 bilhões, de acordo com o Relatório de Poupança do Banco Central do Brasil. Tal valor foi 0,5% maior do que o apurado em fins de novembro, já considerada a inflação, representando a primeira variação positiva na comparação mensal desde julho de 2021. Por outro lado, com respeito ao saldo apurado em dezembro de 2020 (de R\$ 882,070 bilhões, a preços de

dezembro de 2021), houve uma redução de 10,4% no último mês de 2021, também em termos reais, sétimo resultado negativo consecutivo na base de comparação interanual.

Após quatro meses seguidos de captações líquidas negativas, o mês de dezembro trouxe um resultado positivo, seguindo o padrão histórico para o último mês do ano, como ilustra o gráfico a seguir, que traz a série histórica do Banco Central do Brasil iniciada em 1995, a preços constantes de dezembro de 2021, para as captações registradas no referido mês de dezembro. Esse padrão, vale notar, é influenciado, dentre outros fatores, pelo pagamento do décimo terceiro salário.



Como mostra o gráfico, a captação em dezembro passado foi de R\$ 6,138 bilhões, a menor desde 2011 e consideravelmente abaixo do patamar observado entre 2017 e 2020, cuja média superou os R\$ 16 bilhões anuais, já considerada a inflação. Dessa maneira, o ano de 2021 se encerrou com apenas quatro meses de captações líquidas positivas (além de dezembro, os meses de abril, junho e julho). Como já observado em boletim anterior, no período recente, apenas nos anos recessivos de 2015 e de 2016 foi registrado número tão baixo de meses com resultados positivos, com um mês e dois meses, respectivamente.

FINANCIAMENTOS IMOBILIÁRIOS

As operações contratadas com recursos do Sistema Brasileiro de Poupança e Empréstimo (SBPE), que incluem os financiamentos para a construção e aquisição de imóveis, somaram R\$ 16,815 bilhões em novembro, segundo dados da Associação Brasileira das Entidades de Crédito Imobiliário e Poupança (Abecip) e do Banco Central do Brasil. Já incorporando a inflação do período, esse montante foi 2,0% inferior ao observado em outubro. Por outro lado, na comparação com o resultado de novembro de 2020, houve crescimento de 3,1% também em termos reais, taxa esta que superou o desempenho de outubro (1,7%) nessa mesma base de comparação.

Ainda que siga muito elevado, o crescimento acumulado no ano do valor dessas operações voltou a registrar desaceleração, passando de 43,7%, até outubro para 39,0% até novembro, em termos reais. Quanto à taxa de variação acumulada nos últimos doze meses em relação aos doze meses anteriores, a desaceleração iniciada em agosto prosseguiu, com a taxa passando de 45,3% até outubro para 41,0% até novembro. Como destacado em boletim anterior, apesar dessa trajetória de desaceleração, a taxa de expansão dessas operações se encontra ainda em patamar historicamente elevado, particularmente com respeito ao observado desde 2010.

Considerando apenas as operações para aquisição, estas totalizaram R\$ 13,809 bilhões em novembro, superando o valor apurado em outubro em 1,0%, já considerada a inflação. Na comparação com novembro do ano anterior, a expansão foi de 8,8%, em termos reais, indicando a continuidade da desaceleração das taxas de crescimento na comparação interanual em relação ao observado nos meses recentes – alta de 20,1% em setembro e de 10,4% em outubro, após atingir a taxa máxima do ano em maio (102,3%). Entre janeiro e novembro, essas operações tiveram alta de 46,1%, desacelerando em relação ao apurado até outubro (51,0%). Finalmente, considerando a variação acumulada nos últimos doze meses, esta passou de 51,9% até outubro para 47,3% até novembro.

A evolução do valor das operações para a construção em novembro, por outro lado, foi relativamente mais fraca, totalizando R\$ 3,005 bilhões – montante 14,1% inferior ao de outubro, em termos reais. Em relação ao valor registrado em novembro de 2020, a queda foi de 16,9%, pouco abaixo da verificada em outubro (-22,3%) na comparação frente ao mesmo mês do ano anterior, também em termos reais. No ano, houve nova desaceleração da expansão (iniciada ainda em junho), com o crescimento acumulado passando de 19,0% até outubro para 15,0% até novembro, já incorporada a inflação aos dados. Com respeito à taxa de variação acumulada das operações para a construção nos últimos doze meses, esta passou de 24,5% até outubro para 20,7% até novembro, em termos reais, crescimento este ainda em patamar ainda elevado.

Em novembro, foram financiadas 67.203 unidades com recursos do SBPE, das quais 19.316 corresponderam a operações para construção e 47.887 unidades para aquisição. O número total foi 45,3% superior ao número de unidades financiadas em novembro de 2020, menor variação

interanual do ano, ainda que bastante expressiva. Na mesma base de comparação, a alta do número de unidades para construção foi de 193,0%, enquanto o número relativo à aquisição foi de 20,8% maior do que o apurado no penúltimo mês de 2020. Entre janeiro e novembro, o total de unidades financiadas chegou a 801.576, número 116,1% maior do que aquele registrado no mesmo intervalo de tempo do ano anterior (370.846), sendo 537.505 para aquisição (alta acumulada de 72,1% frente ao período janeiro-novembro de 2020) e 264.071 para construção (expansão acumulada de 351% na mesma comparação).

Indicadores da Construção – Edição 06

31 de janeiro de 2022

Elaboração:

Departamento da Indústria da Construção e Mineração – Deconic/Fiesp
Ex Ante Consultoria Econômica

Veja esta e outras informações sobre o setor no Observatório da Construção:

<http://www.observatoriodaconstrucao.com.br>